



Prêmio
Maria José Maldonado
de Literatura
2018

Antologia de Textos Premiados

Academia Volta-redondense de Letras

José Huguenin
(Organizador)

Antologia de textos premiados

**Prêmio Maria José Maldonado de
Literatura 2018**

1ª Edição

Volta Redonda – RJ

AVL

2018

2018 © Academia Volta-redondense de Letras

2018 © Vários autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Volta-redondense, Academia de Letras

Antologia de textos premiados PMJML 2018 /

Academia Volta-redondense de Letras / Vários Autores .-- 2018.

ISBN: 978-85-69545-09-5

1. Coletânea de Poemas. I. Título.

2. Coletânea de Contos. II. Título

CDD:808.81

Presidente: Mércia Christani

Vice-presidente: Vicente Melo

Coordenação Editorial: José Huguenin

Organizador do PMJML 2018: José Huguenin

SUMÁRIO

Apresentação

Realinhando objetivos..... 6

José Huguenin

Maria José Maldonado.....8

Jean Carlos Gomes

Comissões avaliadoras9

Textos Premiados – Categoria Autor

Contos Premiados.....11

Poesias premiadas83

Textos Premiados – Categoria Estudante

Poemas Premiados.....121

Apresentação

Realinhando objetivos

O PMJML 2018 teve uma grande mudança em seu regulamento. Nas duas primeiras edições, 2016 e 2017, o prêmio foi tinha abrangência internacional, aberto a escritores em língua portuguesa. Essa foi, sem dúvidas, uma experiência muito enriquecedora a partir do contato com escritores de todos os estados do Brasil, portugueses, angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos, enfim, um grande encontro lusófono.

Estas edições do PMJML também contaram com a distinção “Destques Sul Fluminenses”, que reconhecia até cinco textos de autores do Sul Fluminense mais destacados no concurso. Mesmo com esta distinção, muitos excelentes textos de autores da região deixavam de ser publicados. Ao levar estes dados para a Diretoria da AVL, deu-se início a uma discussão sobre a missão do principal prêmio literário da academia e, por que não, qual a missão da própria AVL inserida que está no Município de Volta Redonda que pertence a uma região de grande produção econômica, com mais de mais de um milhão de habitantes. Da discussão entre os acadêmicos venceu a tese de que o PMJML deveria incentivar e ser um espaço de registro de produções

literárias do município de Volta Redonda e da Região Sul Fluminense. Assim foi e cá estamos nós.

O número de inscrições reduziu muito, mas, como resultado, tivemos 21 textos da região premiados e registrados nesta antologia. Mais do dobro de textos da região publicados nas duas primeiras edições do prêmio. Esse objetivo foi alcançado!

Com o menor número de inscrições, foi possível criar a categoria “Estudante”, para alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas da região. Não tivemos muitas inscrições de estudantes, mas não desanimaremos do projeto. Acreditamos que com um melhor trabalho de divulgação poderemos engajar mais alunos. Esse, aliás, é um ponto que precisamos melhorar: a comunicação com os municípios da região. Mesmo assim, tivemos inscrições vindas de vários municípios, sendo a premiação bem equilibrada entre as localidades participantes.

Com o sentimento de que estamos no caminho certo, entregamos aos leitores esta antologia com autores 100% do Sul Fluminense e ela é, por assim dizer, uma obra representativa de nossa região.

Nos resta desejar uma boa leitura!

José Huguenin

Organizador do PMJML 2018

Coordenador Editorial da AVL

Maria José Maldonado

Maria José Bulhões Maldonado, poetisa que nasceu em Extremoz, Alentejo, Portugal a 20 de setembro de 1922,. Morou na cidade do Porto e em 1956, fixou residência em Lourenço Marques, Moçambique. Mudou-se para o Brasil em 28 de março de 1975, fixando-se na cidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu por dois anos. Em 1977 chegou a Volta Redonda, onde residiu até o dia do seu falecimento ocorrido em 13 de novembro de 2010 em sua residência.

Em Moçambique escreveu dois livros: *Cântico à vida*, editado em Coimbra – Portugal em 1967 e *Teia do Tempo*, editado em Lourenço Marques, Moçambique, em 1972.

Em Volta Redonda, publicou os livros *Dias Habitados* em 1985, *Perspectivas de Pássaro* em 1990, *Navegante da Palavra*, 1998 e *Amor-Mundi* (Antologia com inéditos e textos dos cinco livros anteriores), 2009.

Foi fundadora da Academia Volta-redondense de Letras.

Jean Carlos Gomes

Poeta, Editor,

Cadeira 29

Comissões Avaliadoras Convidadas

Poesia

Elyane Lacerdda - AVL – *Cadeira 11*

Elisa Andrade Costa – *UGB*

Jean Carlos Gomes - AVL – *Cadeira 29*

Contos

Abigail Ribeiro Gomes – *UGB*

Aline Reis - AVL – *Cadeira 18*

Giovana Damaceno – *AVL- Cadeira 10*

Categoria

Autor

Contos

Premiados

Alcimare Silva Dalbone

Volta Redonda

Alcimare Dalbone nasceu em 1980, em Volta Redonda – RJ – Brasil, onde ainda reside. Pela Editora Andross teve as poesias Ausência e Presença publicadas na antologia Estações e, em Trilha de Lótus, a poesia Pontos e Partes foi indicada ao prêmio Strix. Pela editora Villa-Lobos publicou A decisão na antologia Um céu e estrelas. Pela Young Editorial, participou de Horror a Vapor com o conto Plataforma 90, e teve seu primeiro romance A Pedra Lunar relançado, em setembro de 2016, na Bienal de SP.

Título premiado: O elevador

Contato com a autora: maredalbone@hotmail.com

O elevador

Que eleva é uma das definições de elevador segundo o dicionário Aurélio. A outra é o aparelho que serve para fazer transportes de um a outro nível. A curiosidade em pesquisar esta palavra específica ocorreu-me logo após o desconcertante episódio em uma destas caixas angustiantes. Aquela situação fez crescer, em mim, um quê de claustrofobia que, até então, nem sabia que poderia existir. Aquele era para ter sido mais um dia comum em que eu, comumente usava meu uniforme de escola pública municipal. Era para ter sido, mas não foi. Portanto, perdoe-me caso a mulher madura que agora lhes narra se confundir com a menina, porque, depois do acontecido, como que numa reminiscência pós-traumática, ficou impossível distinguir uma da outra.

Tudo começou pela aula de geografia em que a professora, mais empolgada que a turma com sua brilhante proposta de avaliação, anunciou que

deveria ser entregue, ao final de uma semana, uma maquete que, por sorteio, minha equipe teria que fazer sobre vulcões. O sinal bateu encerrando as aulas que tinham sido entediantes, mas no portão, Pedro, pela primeira vez me cumprimentara com um sorriso tímido e logo em seguida, meu whatsapp me notificava de uma mensagem me chamando para ir ao cinema no sábado. Olhei para ele retribuindo com um sorriso afirmativo. A noite tinha sido longa porque, numa inversão de papéis, precisei ficar acordada até mais tarde cuidando de minha mãe que ardia em febre. Meu pai estava embarcado naquela quinzena e, nesses períodos, acabávamos uma cuidando da outra. O convite de Pedro fez meu sacrifício de ter acordado cedo ter valido a pena. Acompanhando tudo de perto e feliz porque, enfim, eu teria oficialmente um encontro, Gui, meu melhor amigo, resolveu acompanhar minha mudança de trajeto na volta para casa. O que eu amei, já que odiava fazer longas caminhadas sozinha. O dia estava agradável e contrastava com a cara séria dos pedestres sempre apressados. Nós dois, ao contrário, íamos devagar, contando casos e

tentando não criar expectativas, fazendo parecer que tínhamos todo o tempo do mundo.

Chegamos ao edifício de dez andares, onde a papelaria, ali, escondidinha no final do corredor do último andar, tinha o preço bem mais em conta que a das outras do centro da cidade. Depois de algumas discordâncias sobre qual tamanho de isopor levar, qual cor de tinta e se uma ou outra ferramenta, como estilete e pistola de cola quente era realmente necessária, saímos, de modo geral, satisfeitos com as compras.

Apertamos o botão do elevador e fomos para a janela admirar a altura em que nos encontrávamos. Cheguei a comentar algo sobre como saltar de bungee jumping deveria ajudar a aliviar a ansiedade. Era uma vertigem boa que, mesmo não praticando tal esporte, eu sentiria até sábado. Gui estava dizendo que era melhor criar cactos que expectativas quando a porta se abriu e eu, cumprindo um ritual da vaidade feminina, fui até o espelho para dar uma arrumada no cabelo, com Gui assegurando que Pedro me acharia linda do jeito como eu estava e que não havia com o que

me preocupar, já que cada fio continuava em seu devido lugar, cumprindo sua função de proteger meu couro cabeludo das agressões solares. Ri da “piada” que ironizava alguma matéria sobre qual a função dos pelos em nosso corpo. A verdade é que estava rindo à toa e acharia graça até da coisa mais idiota que ele dissesse.

Cerca de vinte segundos nos separariam daquela vertiginosa sensação de perigo decorrente da altura e nos levariam de volta à ilusória segurança do piso térreo. Mas foi então que, naquele rápido intervalo, meu pavor por elevadores teve início. O percurso foi interrompido e, no nono andar, o homem entrou. Alto, barriga saliente, barbudo, o cabelo ralo e grisalho; aparentava uns cinquenta anos de idade. Agora, não sinto dificuldades em descrevê-lo, mas, de fato, não sei, dos três, quem reparou em quem primeiro, já que, naquele momento, só o que senti foram os tais pelos de meu corpo se eriçando e dali em diante, tudo que por muito tempo me recordei foram dos olhos que me trespassaram.

Alguns homens podem alegar que todas as mulheres gostam de se sentirem desejadas, porém algum sentido, não sei qual, insistia que desejo não era a palavra correta para expressar o que, em mim, só causava repulsa. Dele, exalava um odor forte que me causava náuseas. Fiquei imóvel, em pânico por não ter para onde correr. Medo de que sacasse uma arma e nos obrigasse a sair do prédio com ele, ferir Gui e me... Já tinha sido encarada de muitas formas, e posso garantir que o suor frio que me secou a boca não era uma reação ao exagerado fruto de minha imaginação. A fixação daquele olhar me analisava tão sem escrúpulos que me reduzia a bunda, coxas e peitos esperando para serem abatidos. Gui virou-me para ele e, mesmo de costas, soube, pela face de meu amigo, que o alvo ainda não havia se desviado. Ergui a cabeça, demonstrando uma confiança que deveria estar presente, e me arrependi no instante em que cruzei o meu olhar com aquele que, mesmo vindo de um espelho, não me refletia; refratava-me. Refratava-me os sonhos de menina adolescente rasgando minhas roupas e despedaçando um resquício de pureza que teimava em ficar, mesmo

dilacerado. Aquele olhar me penetrava sem consentimento, sem uma mínima permissão, sem qualquer autorização de minha parte, para invadir, de modo tão cruel, a intimidade que era ainda tão minha. Por que o primeiro andar não chegava e aquele escape não surgia logo? Olhei para cima almejando que estivéssemos a céu aberto e a vastidão azul pudesse me livrar da pequenez que, em mim, se instaurava, mas só o que enxergava era um cinza metálico, sem vida. Apertei as unhas contra a carne das palmas de minhas mãos para ver se suportava melhor aquela descida que mais parecia me atirar ao inferno. Só que eu estava muito mais para vulcão adormecido que para ardente fogo dantesco.

Porque era tão violento o poder embutido naquele olhar que me desnudava, fiquei sem reação. Depois pensaria em tudo que poderia ter feito e dito, como, por exemplo, um sonoro “Está olhando o quê?” ou “Perdeu alguma coisa aqui?”, todavia, nunca me ocorreu estar presa numa situação daquele tipo. Se levasse em conta as garotas mais populares da escola e do bairro, poderia se considerar uma

sensualidade quase nula na magreza de meu corpo, de menina de treze anos, que nem seios fartos não tinha. Minha boca não era carnuda e meus olhos nunca sugeriram nada de “caliente” naquela fatídica quarta-feira. Não usava maquiagem e, como, especificamente, naquela manhã, acordara atrasada tanto pelo cansaço como por ter esquecido de ajustar o despertador do celular, o cabelo, nem de longe, havia visto uma piastra. O que, então, em mim, despertara a frieza do olhar cortante e pontiagudo daquele homem? Por que tanta vontade, nele, de me reprimir em tal estágio de constrangimento? Por que ele parecia ter tanto prazer em me fazer sentir acuada pelo medo? Por que Gui e eu não nos demoramos mais dez minutos na papelaria? Isso teria evitado todo esse mal estar. Se não fosse comigo, teria sido com qualquer outra, independente de roupa e idade? Se a violência se tornasse física, será que Pedro compreenderia ou passaria a ter nojo de mim? E se fossem publicadas nos jornais, notícias que envergonhassem meus pais? A garganta queimou, mas contive as lágrimas. Não queria parecer mais

fragilizada do que já estava. O que doía mais era saber que não estava diante de nenhum monstro ou E.T. e sim, de um homem, apesar de, nele, não transparecer humanidade alguma. Com minha mente fervilhando estes questionamentos, virei-me, num impulso, para alcançar a saída, assim que a porta se abrisse.

No entanto, quando a luz do sol clareou minha visão, meus pés, grudados naquele falso chão, só conseguiram se deslocar depois que uma leve pressão em meus ombros conduziu-me ao hall do prédio. O homem saiu levando consigo seu olhar, e deixando apático, o meu. Porém sua ausência não foi suficiente para que me acalmasse. Algo havia morrido em mim. Gui, temeroso de que ele estivesse nos esperando em uma esquina qualquer e que algo pior, pudesse acontecer na rua, mesmo que cheia de carros e pedestres circulando, ligou para que sua mãe fosse nos buscar de carro. A secretária ofereceu-me um copo de água alegando que, pela palidez, eu deveria ter tido uma queda de pressão e, nem um obrigada, consegui verbalizar. Algo havia se calado em mim. A queda havia sido outra,

invisível e não detectada por nenhum aparelho médico. A minha autoestima é que tinha despencado nove andares em eternos e infernais vinte segundos.

Meio sem jeito, peguei o copo e, lavando-me, internamente, com aquela água, soube que, ao sair daquele elevador, eu, M. L., já não era mais uma menina e suas ilusões. A selvageria daquele olhar havia me transportado ao nível de mulher e seus constantes constrangimentos.

Bráulio Rodrigues Queiroz

Barra Mansa

Nascido em Barra Mansa, amante da literatura, leciona essa disciplina em escolas públicas estaduais da região.

Título premiado: Deu bode

Contato com o autor: br.queiroz40@gmail.com

Deu bode

Trim-trim-trim. Cinco e meia da manhã o despertador toca na casa da família Silva. Cosme, o marido, trava o relógio e diz com voz sonolenta:

– Vou dormir mais dez minutinhos.

Renata, a mulher, responde com uma voz parecida com um gemido:

– Ah?! Levan... Cosm...zzzz.

Mas como sempre os dez minutinhos acabam se multiplicando e às seis e trinta Cosme acorda assustado e gritando:

– Renataaaa! São seis e meia e eu perdi a hora.

– Problema seu, eu mandei você levantar quando o relógio despertou – responde a mulher sonolenta e com mau humor.

Cosme pula da cama e, ao entrar no banheiro para o rápido banho, dá uma topada com o dedão do pé na entrada do boxe e o palavrão mais feio que se possa imaginar chega à ponta da língua e só não ecoa pela casa porque ele se lembra da filha Priscila,

de três anos, que estava dormindo. Após tomar banho com o dedão latejando, veste rapidamente o uniforme da empresa, uma multinacional onde trabalha, pega a garrafa térmica no canto da pia, enche uma xícara de café e bebe em uma só golada, fazendo uma careta indescritível. Ele havia se esquecido que a mulher, Renata, estava de dieta, usando adoçante artificial, deixando o café totalmente amargo. Mais uma vez aquele palavrão chega à ponta da língua e mais uma vez ele, com esforço sobre-humano, consegue se conter e fica calado apenas com o gosto amargo do café na boca. Em seguida, ele pega as chaves do carro, vai até o quarto da esposa a beija suavemente na testa sem que ela perceba, passa pelo quarto da filha e repete o gesto. Ao chegar à garagem liga o carro, mas quando vai sair no portão se depara com uma situação no mínimo esquisita: um rapaz de aproximadamente quinze anos montado em uma bicicleta antiga e um bode amarrado por uma corda à traseira da bicicleta. E o pior, o bode estava empacado e por mais que o rapaz fizesse força o bicho não se movia um passo sequer. Até aí nenhum

problema se isso não estivesse acontecendo em frente à garagem de Cosme, obstruindo a passagem. Diante disso Cosme não resiste e aquele palavrão passa da ponta da língua, assustando o rapaz e o bode.

A essa hora Cosme já começava a pensar na desculpa que teria que inventar para seu chefe na empresa; e, como o bode não saía do lugar, Cosme só tinha uma saída, ajudar o rapaz a mover o animal para que ele pudesse finalmente ir para o trabalho. E disse ao rapaz:

– Meu filho, qual é o seu nome e o que está acontecendo? Perguntou já impaciente.

– Qual é, coroa, cê num é meu pai – retrucou o menino.

– Tá bom, tá bom, ai meu Deus! O que esse bode está fazendo parado em frente à minha garagem, eu preciso ir trabalhar?!

– Ele impacô, num tá vendo? – respondeu malcriadamente.

– Isso eu estou vendo, mas por que você não tira esse bicho daí?

- Tô tentano, tô tentano, mais é que eu se esqueci de dá comida prá ele e ele deve tá cum raiva.
- Estou tentando, estou tentando, eu me esqueci de dar comida para ele e deve estar com raiva – repete Cosme, corrigindo com ar de professor.
- Ué, cê conhece o meu bode?! – perguntou o garoto.
- Esquece o que eu falei e vamos puxar para ver se ele desempaca – propôs Cosme.
- Tá bão, eu munto na bicicleta e tento puxá e ocê impurra o bode lá trás.

E assim foi feito, o jovem subiu na bicicleta para tentar puxar o bode, enquanto Cosme empurrava a traseira do animal. Mas não houve resultado, o bode não se moveu um centímetro sequer. Surgiu então uma nova ideia, novamente de Cosme:

- Já sei! – Disse Cosme entusiasmado – Vamos fazer o seguinte: eu vou chegar o carro bem perto do bode e buzinar bem alto para assustá-lo e assim ele sai do lugar.
- Num tô gostano – reclamou o menino – mais vamo tentá – disse o menino, receoso.

Escutem o que aconteceu, quando Cosme buzinou no ouvido do bode, o bicho saiu em disparada e ao invés de o menino puxar o bode pela bicicleta, ele é que foi puxado pelo animal rua afora. A essas alturas dos acontecimentos já se passava das sete e meia da manhã. Cosme ligou o carro e saiu quase que voando para o trabalho, chegando lá seu chefe já o esperava no escritório e disse:

– Bom dia, senhor Cosme, hoje é quarta-feira e o senhor está atrasado novamente.

Segunda-feira foi o trânsito, terça-feira foi o pneu que furou. E hoje espero que o senhor tenha uma boa, ou melhor, uma excelente justificativa para que eu não te dê uma suspensão de três dias. Exortou o chefe.

Cosme ficou mudo por alguns segundos, pensou em tudo o que havia acontecido, contou mentalmente até dez e disse:

– Onde eu assino para ficar os três dias em casa?

João Pedro Fraga de Souza

Piraí

João é um brasileiro nato, nascido no interior do Estado do Rio de Janeiro, já quis ser veterinário, jogador de vôlei e ator, mas seu caminho é o da escrita. Um jovem escritor que busca realizar o sonho mais antigo de que tem lembrança: publicar suas ideias para que todos possam ler. Por muitos anos escreveu resenhas na internet e pequenos textos num blog. Mora na cidade de Piraí e escreve seu grande sucesso todos os dias, uma palavra de cada vez.

Título premiado: Carta de (pós) suicídio

Contato com o autor: jopefraga@gmail.com

Carta de (pós) suicídio

Minha mãe não foi ao meu velório.

Fiquei ao lado do meu caixão o tempo todo e ninguém me viu, mas todos foram ali para me ver. Não tentei gritar ou passar minha mão por eles, isso é muito clichê, até mesmo para um fantasma iniciante. Havia uma lista de pessoas que eu esperava ver no meu velório, muitas delas apareceram naquela manhã de inverno, outras eu ouvi que não puderam ir, provavelmente devem estar esperando sair em DVD para assistirem.

De certa forma eu a entendo, não deve ser fácil ir ao velório de seu filho, ainda mais um filho suicida, eu também não teria ido. Imagino o que deve se passar na mente dela, os sinais que ela perdeu, o porquê não pedi ajuda no momento certo, as palavras que ela disse ou não disse, tudo deve rodar em sua mente. Eu queria poder dizer que não é culpa dela, que a ficha dela está limpa e que ela fez tudo certo, mas agora não posso.

Muitas pessoas não usavam preto, tinha até um primo de um amigo que estava de branco, não que eu esteja reclamando, não pedi traje formal no meu velório. Também não tinham muitas pessoas de óculos escuros, isso já tirou um pouco do glamour do velório, muitos olhos inchados e vermelhos de tanto chorar. Esse é um dos problemas de morrer, os vivos sofrem.

Espero que o leitor desta carta entenda que eu não tinha a intenção de magoar ninguém, apesar de saber das implicações do meu ato. A minha ideia não era fazer ninguém chorar, era cessar meu choro, tirar o peso da minha vida dos meus ombros, peso que eu lutava para carregar. A vida não importa nesse momento, já não tenho ela.

Mas devo dizer que me encontro desapontado com o post mortem, gostaria que fosse mais hollywoodiano, que eu pudesse derrubar vasos de planta e balançar cadeiras. Nada disso é possível, acredite eu tentei, porém, estar acordado é mais do que eu achei que aconteceria. Sempre pensei que ao morrer tudo ficaria escuro e eu permaneceria no

estágio 4 do sono, imóvel e sem sonhos. Aparentemente, eu estava enganado.

Também não existem seres de luz ou de trevas: anjos, demônios, elfos, monstros devoradores de almas, pelo menos eu não encontrei nenhum deles enquanto acompanhava o meu corpo. Não tive coragem de me abandonar, nem sabia se poderia o fazer, visto que eu não conheço as regras de ser um fantasma. Gostaria que tivesse um manual ou um Guia do Outro Lado, se bem que eu nem cheguei ao outro lado, se você for pensar bem, continuo aqui, apenas mais sozinho do que antes.

Não encontrei outros fantasmas, queria ter encontrado algum para tirar algumas dúvidas. Talvez estejam todos perto de seus corpos inabitados e não podem sair de perto deles, como uma amarra da alma ou algo do tipo. Pensei que veria alguns no necrotério, mas não. Aparentemente eu sou o único fantasma da cidade, ou o único que fica acordado velando o próprio corpo.

Eu tentei dormir depois que acordei no post mortem, olhei meu corpo pendurado na corda e não consegui me decidir se estava satisfeito com

aquilo que havia feito. Estudei inúmeras outras possibilidades de como fazer, mas nenhuma parecia certa, sempre surgia um empecilho. Estudei também vários motivos para não fazer, mas não vi luz no fim do túnel e, na verdade, nem era um túnel, era um poço, e eu só conseguia olhar para baixo, mesmo com o sol a brilhar nos céus.

Pode ser que você me ache frio ao falar do meu suicídio dessa forma, mas veja bem, eu tentei sobreviver: tomava meus remédios e fazia acompanhamento psicológico. Eu sofri, chorei, me tranquei no quarto, melhorei, saí, voltei a ir à escola, fui a festas, joguei War (o que pode ter contribuído para minha decisão depois de cinco horas de partida), fiz tudo o que manda a cartela: eu tentei permanecer no mesmo mundo que vocês, mas não consegui. Eu falhei no desafio de viver.

Meu caixão foi levantado, não haverá missa e não temos um padre na capela, aparentemente suicidas não merecem a presença da Santa Igreja. Não posso dizer que senti falta porque seria mentira e, agora que estou morto, sinto que não preciso mais mentir. Perdi muito peso nos

últimos meses então ninguém tem muito trabalho ao carregar o meu caixão, inclusive, um belo caixão branco com alguns detalhes pretos nas laterais. Tio Ícaro, meu pai, meu padrasto e Jonas, meu amigo para os familiares e namorado para mim, carregavam meu caixão que já estava lacrado.

Nunca saí do armário para minha família e não era uma questão de vergonha ou medo do que eles pudessem achar, a questão é que eles já sabiam. Uma vez minha mãe me disse que gostava muito do Jonas e que seria de seu agrado que continuássemos com nossa amizade, que ela classificou como “muito bonita”. Eu não poderia concordar mais com ela, mesmo depois de termos terminado, ele continuava querendo ser meu amigo, mas eu já não conseguia me ligar a ele, não é que eu não o amasse, eu o amava muito, mas eu já estava decidido sobre o que fazer.

Quando chegamos ao jazigo da família, descobrimos que o coveiro não havia aberto o jazigo certo, então tivemos que esperar mais um pouco até que o fizesse para poder me colocar gentilmente na minha cova. Quando o coveiro terminou de abrir o

jazigo, pediram para esperar porque minha mãe estava chegando para se despedir, com certa relutância e impaciência, o coveiro assentiu. Minha mãe chegou com os olhos inchados, uma blusa preta e jeans também pretos, usava o meu tênis xadrez preferido e parecia ter envelhecido uns 15 anos. Me senti mal com o estrago que eu havia feito nela. Pedi para que não abrissem o caixão, segundo ela não faria diferença, e assim o fizeram, ela encostou a palma da mão esquerda no lugar onde supostamente estaria minha cabeça e eu fiz o mesmo, com a mínima esperança que ela sentisse minha presença, para minha surpresa ela virou a cabeça para o meu lado, mas era apenas para olhar através de mim, para o meu pai e balbuciar "nosso bebê", quase que de forma ininteligível.

Minha mãe começou a chorar no ombro do meu padrasto, enquanto o caixão descia. No fundo eu queria que ela tivesse pedido para abrir o caixão e beijado meu rosto frio, buscando um último vislumbre meu, como se algo pudesse ser pior do que ela me encontrando pendurado no meu quarto: feio, roxo e com a língua para fora.

O coveiro trouxe um saco de cal para quem quisesse, quase todos jogaram um pouco de cal sobre o meu caixão branco, quando terminaram ele começou a selar a cova para dificultar a vida dos saqueadores de cemitérios que furtam jovens defuntos vestidos com calça jeans azul, blusa dos Simpsons e meias brancas. Minha mãe chorava mais alto e não conseguia sair do lugar, mesmo com meu padrasto a chamando. Queria ter dito a ela: mãe, acabou, me desculpe.

Os meses anteriores ao meu suicídio foram muito conturbados, terminei o meu namoro, minha cachorrinha morreu por causa de uma luta brutal contra um porco espinho; e perdi dois grandes amigos, Igor e Mateus, num acidente na volta de uma festa que eu não fui e me culpo de não estar lá e ser a voz da razão, como sempre fui. Depois da morte deles, voltei a sofrer bullying na escola, Jonas me apoiava, mas isso não tornava nada mais fácil.

Agora, entenda, eu não busco justificar a minha atitude, não é esse o meu objetivo. Só quero contar um pouco da minha história, sem parecer

um covarde que foge dos problemas, você pode ter pensado isso de mim, não acho que você esteja totalmente errado. Não aguentei a minha própria vida e resolvi fugir dela, mas não acredito que você teria feito muito melhor com o material que eu tinha.

Na tarde antes do meu suicídio eu esperei até minha mãe chegar do trabalho para me despedir com um abraço, daqueles apertados, ela me perguntou se estava tudo bem e como fora meu dia, o tipo de pergunta que não tem e não quer resposta, não a culpa, ela tem os problemas dela e eu tento não ser um deles, bem, na maior parte do tempo. Subo até o meu quarto, escrevo o meu mini bilhete de suicídio que é uma breve instrução para que não me enterrem de roupa social, por ser muito brega. A viga de madeira do meu quarto já está com a corda amarrada e com uma espécie de aura lúgubre. Coloco meu pijama porque, na minha cabeça, eu estava indo dormir. Subo na cadeira, enlaço a corda pelo meu pescoço e chuto a cadeira, balanço por alguns segundos que pareceram uma eternidade, e então tudo escurece e eu sinto cada batida do meu coração, até ficarem muito fracas. No

minuto seguinte eu lembro de ter caído no chão, abrir os olhos e olhar o meu corpo pendurado por uma corda. Não melhorou quando minha mãe entrou no quarto e me viu. Eu só queria poder voltar atrás naquele momento. Descobri que não vale a pena morrer, mas só depois de ter me suicidado. Morrendo e aprendendo...

José Adal Pereira de Souza

Volta Redonda

Formado em Teologia, com curso de Ciência das Religiões, fui missionário e depois empresário. Aposentado, dediquei-me ao estudo intensivo de História e escrevi e publiquei 06 livros. Sou membro do Conselho de Cultura de Volta Redonda (Patrimônio) em 2018. Pratico ciclismo há 14 anos tendo rodado mais de 70.000 km em quase todo Estado do Rio de Janeiro e partes de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina. Minha satisfação é ensinar e incentivar os jovens a praticar esporte e abraçar a leitura.

Título premiado: A volta do parafuso

Contato com o autor: joseadal@gmail.com

A volta do parafuso

Saio empurrado do metrô e chego ao topo da escadaria e a claridade da manhã. Atravesso o Largo da Carioca e vejo os sinais do que vi nas notícias do celular. Um veículo do Exército estacionado e soldados empunhando fuzis formam um círculo. Adiante, na praça Tiradentes, um tanque com sua pintura camuflada agride a sensibilidade dos cidadãos. Pelo que diz o noticiário não é mais a Ação Militar no Rio, agora é pra valer, é a volta de quem pensávamos ter ido para nunca mais voltar, a Ditadura Militar.

Entro no prédio em que funciona a autarquia em que trabalho. Sou o mais velho dos funcionários. Comecei no serviço público com basta cabeleira negra e agora estou calvo, a pele do meu rosto brilhava bem escanhoadada, mas hoje tem fundas rugas de expressão que emolduram minha boca que já foi carnuda e no presente se fecha em lábios finos quase imperceptíveis. Mas sorrio para todos com

confiança porque tenho meus dentes naturais numa dentição certinha. Uns respondem outros não. Ponho minha pasta em cima de minha mesa e quando abro cai meu sanduiche embrulhado em plástico. O jovem Ricardo, engraçadinho, diz: “É o mesmo de ontem, Afonso?” Não lhe dou atenção. Quero comentar sobre as tropas na rua, mas não há ninguém com quem possa falar seriamente. Ligo para minha filha que trabalha no aeroporto Santos Dumont:

- Marcia, chegou bem?

- Cheguei bem, sim. Não mudou nada, não é mesmo?

- Já lhe falei que a história é igual a um parafuso...

- Sempre se repete, mas não exatamente como foi.

- Boa garota. Não creio que seja como em 1964. A corrupção e falta de valores estão muito piores do que naqueles tempos. Outro decreto como o AI 5 já não resolveria.

- Eles não cassaram todos os políticos naquela época?

- Ai é que está. Segundo se soube depois os Estados Unidos estavam por trás do Golpe Militar e para os gringos não importava os corruptos, mas os

comunistas. Então, foram exilados, presos e torturados não o sujeito que ficou rico com a construção de Brasília, mas o pobre que tinha ideais socialistas.

- Olha, falei com mamãe e ela está preocupada com o senhor. Não vá se meter a herói. Nada de participar em algum protesto, pelo amor de Deus!

- Não tem mais bondes para a gente queimar e o Lindberg, o Gabeira e o Jesuíno já estão em outra. Não vou brigar sozinho.

Vou a janela. O povo passa em seus afazeres quase não dando bola para as forças armadas embaladas na praça. Como é que descemos essa ladeira? Sim, tivemos dois doidos, Jânio e Color, dois vices despreparados, Sarney e Itamar. Quando elegemos o professor Henrique Cardoso ele deixou o país em um tremendo aperto fiscal. Corremos da Direita para a Esquerda e abraçamos o Sapo Barbudo. Meu Deus, parecia que tínhamos feito a grande descoberta! Não votei nele da primeira, mas cravei Lula na segunda eleição. Um amigo muito radical me dizia: Afonso, estamos nadando num mar de lama. Eu nada vi e não acreditei. Dai tudo

se degradingolou de tal maneira que fomos cair nos braços dos milicos. Vai começar a mordança da censura e a maligna tortura. Eles só esperaram acabar a Copa da Rússia para garrotear as instituições. Aliás, nem esperaram o resultado das eleições. Em meados de outubro, antes da realização do segundo turno, como as escolhas dos brasileiros pareceram as piores possíveis, eles deram o Golpe. Faço o quê? Faço o que Marcia disse, de casa pro trabalho e do trabalho pra casa. Agradeço, porque na minha idade esse será o último golpe que vou assistir.

O Brasil assistiu dividido o desenrolar dos fatos, quase metade queria uma linha dura e honesta da governança do país, pouco mais da metade ressentia-se da agressão as instituições. O mês de outubro terminou com intervenção nos estados e municípios. Os governadores e prefeitos foram destituídos dos cargos e colocados interventores militares em seus lugares. Mas foi no azarado dia 13 de novembro que o pêndulo começou a se mover, a Junta Militar publicou o Decreto Institucional. Em tudo se assemelhava ao AI 5 de

triste memória. O Presidente recebeu autoridade para fechar a Câmara de Deputados e o Senado e todas as Assembleias Legislativas. Governadores e prefeitos interventores governavam e legislavam por decretos. Também a suspensão do habeas corpus para políticos e suspeitos de subversão, assim como a perda dos Direitos Políticos por dez anos, aumentou um pouco o número dos brasileiros que apoiavam o Golpe, afinal todos nós sabíamos que ninhos de podridão e corrupção eram essas casas e como os políticos cometiam seus crimes e se abrigavam sob o Foro Privilegiado. Mas quando a Censura de jornais, televisões, peças de teatro e música começou, houve a debandada.

Acontece que as circunstâncias eram outras. Agora existe uma força chamada Redes Sociais que, ao invés de células de resistência escondidas e com poucos militantes do Golpe de 64, reúne de um dia para outro centenas de milhares de pessoas. Estava incluída no pacote malévolo a ilegalidade de reuniões políticas não autorizadas pela polícia. E os confrontos se repetiam em todos os Estados. Manifestantes presos, balas de borracha e bombas

de efeito moral eram as constantes sob o novo regime. A família me vigiava. Filhos e netos observavam meus passos e minhas postagens nas redes me lembrando que não tinha mais meus vinte anos.

O mundo reagiu condenando a intervenção militar. Pois veja bem, o propósito aparente era limpar o país da corrupção, evitar o assalto aos cofres públicos e conter a violência. Eram ações sociais e não ideológicas. Então, o G 7 e toda Comunidade Europeia criticou a tomada de poder. Não dava para ser manchete, mas bons articulistas desclassificavam a atitude dos militares e defendiam os princípios republicanos. O que os jornais e televisão não podiam falar a internet escancarava. Não dava para tampar os ouvidos, os olhos e a boca de nosso país continental.

Foi marcada uma mega concentração para 11 horas do domingo 23 de dezembro. Bem cedo as pessoas saíram de casa para a concentração. Em desespero a Junta ordenou a paralização dos meios de transporte. Mas como nas grandes greves os piquetes impediam o funcionamento dos serviços,

dessa vez eles incentivavam os pilotos a continuar o tráfego de barcas e os motoristas a não recolherem os ônibus às garagens. Trens e metrô, taxis e uber continuavam rodando e atendendo ao movimento nunca visto. Nem precisei driblar a família. Filhos e netos foram para as diversas concentrações. Minha esposa com dores no joelho ficou na retaguarda. Atravessei a baía de Guanabara numa barca atropetada e me dirigi à Central do Brasil, para o grande ajuntamento em frente ao Quartel-General do Comando Militar do Leste. O lado direito da avenida Presidente Vargas estava tomado por tropas enquanto o povo se espalhava pelo lado esquerdo da avenida. O parque de Santana foi fechado, mas de algum modo o povo entrou e explodia em palavras de ordem.

Entrão, fui chegando para frente e quando megafones começaram a gritar: Volta à República, Queremos liberdade democrática, Fora milicos e outras tantas, encontrava-me na beira da calçada. A multidão pressionava por trás, mas nem precisei ser empurrado para descer o meio-fio e dar alguns passos na avenida. Outros também avançaram. Do

Quartel veio a ordem tonitruante de fazer alto. Câmeras e fotógrafos ocupavam a faixa central e filmavam tudo. Tomado de imensa raiva de mais uma manipulação de nosso povo tão sofrido dei pulos e gritos e parecia correr para cima dos soldados. Foi nesse momento que ouvi tiros e senti meu braço esquerdo ser jogado para trás. Pessoas corriam e alguns ficaram no chão. Os tiros ainda soavam e vi minha perna direita saltar esquisitamente para o lado. Cai de cara na avenida. Escutei o megafone do Quartel ordenar cessação dos tiros. Pus minha mão direita no chão e forcei levantar minha perna esquerda ficando meio ajoelhado na pista. O megafone gritou outra ordem que não compreendi, mas vi os soldados recuando e entrando no quartel. A gritaria às minhas costas continuava, mas olhando vi que já não corriam em debandada. O pessoal da imprensa aproximou me filmando e fotografando. E vi abrindo caminho entre eles um soldado, um oficial, que me levantou, entrou por baixo de mim e correu comigo as costas. O mundo inteiro vendo ao vivo aquelas cenas. Apaguei.

Quando acordei minha filha Marcia me disse que era quinta-feira. Passei quatro dias dormindo. Perdi o Natal de 2018. Os tiros de fuzis são terríveis, estava cheio de parafusos e placas, mas inteiro.

- Pai, não falamos tanto que era para ficar em casa?!

- Minha filha, tudo o que fiz em 64 não foi nada com o que fiz agora, com meus 74 anos. Essa volta do parafuso foi muito mais apertada.

As imagens foram fortes, não só as que protagonizei, mas a dos milhões de brasileiros em todas as cidades do Brasil. Fiquei muito feliz quando no domingo 30 de dezembro o presidente da Junta apareceu em rede nacional prometendo eleições livres no dia 28 de abril de 2019. A propaganda eleitoral começaria em fevereiro e ele estimava que os brasileiros escolhessem bem seus candidatos. Dessa vez.

Marcello Henrique Marques Passos

Volta Redonda

Marcello Henrique Marques Passos, 26 anos, Físico, Poeta e morador de Volta Redonda desde 2006. Licenciado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e atualmente, aluno de Doutorado em Física na Universidade Federal Fluminense (UFF). Amante da literatura desde novo, escrevendo histórias em quadrinhos quando criança e na fase adolescentes rabiscando alguns poemas. Fã e leitor de Machado de Assis, Fernando Pessoa, Manoel Bandeira, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha. Escrevo como forma de transmitir sentimentos, incertezas, acalento e procurando sempre levar ao leitor alguma mensagem.

Título premiado: O Político e o Diabo

Contato com o autor: marcellopassos123@gmail.com

O Político e o Diabo

No dia 1º de abril veio a falecer o respeitado deputado federal Antônio Damasceno. Comento logo a ironia que o amigo leitor já deve ter percebido quando correu os olhos pela primeira frase dessa anedota. O acontecido é verossímil e creio eu que nada mais é do que um dos acasos da vida. Retornando ao relato, tanto o velório quanto o enterro fez-se inundado pela presença dos amigos da alta classe social de Brasília, contando inclusive com dezenas de coroas de flores, uma delas, a maior, foi presente do poderoso empresário do ramo agropecuário, Alberto dos Anjos, vulgo Rei da soja. E cabe aqui comentar que, segundo as más línguas, de anjo esse senhor não tinha nada. O fato é que nenhum desses ilustres convidados poderia imaginar o que seu amigo Antônio estava prestes a passar.

Antônio fez a travessia de maneira relativamente tranquila e logo se viu diante

da porta do céu. Havia nesse dia uma breve fila de pessoas que, por condições distintas, faleceram no mesmo dia do deputado e aguardavam ser atendidas pelo senhor de terno branco que parecia executar a função de porteiro. Logo ao se aproximar e notando que poderia ter que aguardar certo tempo para ser atendido, o deputado mais que depressa saiu da fila e caminhou até o senhor. Como de costume, prática que frequentemente exercia no mundo de quem ainda respira, se identificou de maneira petulante e logo fez-se mostrar quem estava aguardando atendimento. Segundo seu modo de pensar o cargo justificava uma certa prioridade. Sendo assim, nem deu tempo ao homem com as chaves do portão de lhe dar as boas-vindas e logo disparou de modo firme e seco:

- Sou o excelentíssimo deputado federal Dr. Antônio Damasceno e desejo imediatamente ser recebido.

O senhor com sua voz serena e sem se sentir vexado pela autoridade do deputado pediu o mesmo que gentilmente retornasse ao seu lugar e aguardasse pelo atendimento, que seria realizado de maneira laica. Não me admira o fato de que o deputado não

compreendeu muito bem o significado dessa última palavra. Contudo, de certa forma até o compreendo, uma vez que de laico o Estado no mundo onde viveu não tem nada. O deputado então retornou furioso ao seu lugar indagando a petulância daquele porteiro em mandar um deputado federal aguardar na fila.

Após alguns segundos de revolta o deputado logo percebeu que havia outro portão praticamente em frente ao que ele estava, porém este apresentava uma fila muito menor. Ao tomar conhecimento deste fato, e se tratando de uma pessoa que não vivia sem querer tirar vantagem de algo, correu ligeiro e mudou de entrada. Entretendo, não quis esperar por sua vez e novamente dirigiu-se ao homem, este agora de terno vermelho, que parecia também desempenhar o papel de porteiro. Antônio disse-lhe do mesmo modo: - Sou o excelentíssimo deputado federal Dr. Antônio Damasceno e desejo ser atendido imediatamente! Não aturo mais um segundo nessa fila!

Para sua surpresa a resposta desta vez foi bem diferente:

- Doutor Damasceno, que honra receber o senhor, desculpe o equívoco. Venha por aqui... Não é cabível que um deputado como o senhor aguarde nessa fila, levarei o direto ao nosso superior.

O deputado logo respondeu que não esperava por um tratamento diferente e que os vizinhos do lado oposto não sabiam tratar uma autoridade daquele calibre. Cada frase que o deputado pronunciava fazia o homem de terno vermelho acenar com a cabeça num sinal de concordata, não contrariando assim o velho deputado. A caminhada rumo ao chefe do local durou poucos minutos e o fato do doutor Antônio ter retirado o paletó poderia lhe parecer que sua idade já o fazia sentir o peso da caminhada, mas não. Conforme a deambulação se prolongou local adentro o deputado começou a sentir que a temperatura estava aumentando e o calor fazia-se mais intenso a cada passo mais próximo do gabinete do Diabo. Ao ficarem de frente à porta, o sujeito do terno vermelho pediu-lhe que se sentasse enquanto caminhou até a secretária para que ela comunicasse sua presença ao dono do gabinete.

O nome do deputado foi anunciado, ele fez-se presente de frente ao Diabo e ambos foram ali deixados a sós. Tal criatura perguntou-lhe se havia sido bem tratado desde sua chegada ao recinto e o deputado afirmou que sim, e inclusive o parabenizou pelo uísque servido um pouco antes de sua entrada dizendo-lhe que era de excelente qualidade. Aproveitando o ensejo gastronômico o Diabo afirmou ao deputado que ele era seu convidado para o jantar e que o mesmo seria servido brevemente. Enquanto o jantar desenrolava-se o dono do gabinete foi logo ao assunto que lhe causava certa preocupação e contou ao deputado sobre a eleição que haveria no inferno.

- Veja Dr. Damasceno, se aproxima a eleição para o cargo de presidente deste adorável local e sinto que minha popularidade tem caído um pouco, principalmente após alguns escândalos ligando minha pessoa com algumas construtoras. De certo modo, acabei recusando uma propina desses empresários e daí deu-se minha desgraça política.

Damasceno ficou surpreso com a recusa do Diabo à propina, segundo ele, quando

convivia em Brasília, havia uma única coisa que não se podia negar: ajudar um amigo. Era extremamente constrangedor o ato de recusar uma doação, dada por livre e espontânea vontade, de um certo montante em dinheiro como uma forma de reconhecimento pela ajuda fornecida em certas ocasiões. Foi assim durante toda sua carreira, e principalmente, na sua relação com seu amigo mais íntimo, cujo nome inclusive já citei anteriormente, o conhecido Rei da soja. Assim, o deputado logo indagou o diabo:

- Mas meu caro, como podes recusar um reconhecimento por seus serviços?

- Senhor deputado, acho que não expressei-me muito bem, foi-me oferecido somente quinze por cento do valor da licitação. Considero isso um ultraje tremendo a minha figura, geralmente essa porcentagem beira os trinta por cento por aqui.

O deputado logo arregalou os olhos, eram quinze por cento no valor de uma licitação e o Diabo não hesitou em recusar. Tal situação era bem diferente dos esquemas em que estava acostumado a participar fazendo com que ele logo começasse a se

interessar mais pela estadia naquele lugar e a demonstrar sua indignação com o acontecido, concordando ferrenhamente com o Diabo e dizendo-lhe que, de fato, comparado com a grandeza de sua imagem, quinze por cento era certamente um valor muito pequeno. Ao final do jantar o deputado mostrou certa vontade de conhecer o outro lado, aquele que tinha abandonado devido o tamanho da fila, mas não porque tivesse se arrependido de estar ali. Antônio indagava-se se São Pedro, administrador do céu, não lhe poderia oferecer algo melhor em retribuição a sua consultoria. Damasceno tinha disso, gostava de ouvir os dois lados, não por justiça, mas para descobrir quem lhe ofereceria melhor oferta.

O fato é que Damasceno já ia organizando as palavras pra fazer-se despedir quando o Diabo pediu-lhe um segundo de atenção pois não havia lhe contado o real motivo de sua presença naquele jantar. De todas as palavras que saíram daquela boca fétida de enxofre o deputado só pareceu ouvir uma única: Ministério. Esta palavra fazia-se repetir, e repetir, em seu interior como se ele começasse a

entrar em transe. Creio eu que é nesse momento, que em certas pessoas, o ego e ganância vencem a batalha contra a ética e a moral. O Diabo mostrou-lhe toda grandeza e pompa de exercer o cargo de ministro do Ministério das Relações Exteriores. Este era um cargo de pura confiança, desejado por muitos que ali passavam, e que tinha como alguns dos objetivos melhorar as relações do Inferno com seu vizinho. Tanto no convívio diário, como também no recrutamento de novas almas, muitas delas sendo deportadas do céu. O serviço em si também não era muito diferente daquele exercido por ele no mundo real quando tronou-se ministro. Aliás, na época, ele contratou tanto assessor que praticamente não precisava se preocupar com muita coisa. Em troca o Diabo pediu seu apoio nas eleições, afirmou que precisava que ele fosse seu braço direito no purgatório e que, se possível, pudesse trazer consigo o restante da classe política no inferno. Achas que o deputado veio a recusar a oferta de um ministério? É claro que não. Damasceno fez-se de difícil, queria ver se conseguia arrancar mais algum benefício do Diabo, mas ao fim

aceitou a proposta após alguns minutos de falsa reflexão. Digo isso porque na cabeça do deputado ecoava-se a frase: era um ministério... um ministério!

No sétimo dia de sua morte, enquanto realizavam sua missa de sétimo dia, fez-se a eleição no inferno; lá o tempo corre diferente e sete dias na terra equivalem a dois meses no inferno. Damasceno permaneceu ao lado do Diabo até o momento do resultado da sua reeleição. O Diabo saiu-se vitorioso e o deputado garantiu seu cobiçado cargo de confiança no inferno. Entretanto, novamente mostrou-se que para certos políticos não há valores nem escrúpulos que resistam a um ministério. Como vimos neste caso, caro amigo leitor, nem mesmo a alma escapou de ser a moeda de troca.

Nicia Cadinelli dos Santos

Valença

Brasileira de descendência italiana, portuguesa negra índia, nascida na cidade de Valença-RJ em 16-01-44, Mãe de 4 filhos e avó de 6 netos. Formou-se em Técnico de Contabilidade, pela Esc. Cândido Mendes. Escritora premiada, tem na literatura seu ponto forte com a arte. Nicia é assim, alegre, autêntica, brava, batalhadora, caridosa, carinhosa, sonhadora, religiosa.

Título premiado: Noite de natal

Contato com a autora: nicia.cadi@gmail.com

Noite de natal

O inverno era intenso, suas, casas, estavam cobertas com flocos de neve. A noite chegava de mansinho, trazendo aquele soninho gostoso. Havia um cenário mágico sobre a “terra”. O céu negro, estrelado, mostrava uma enorme estrela brilhante, que se destacava, “A Estrela de Belém”.

As moradias, todas enfeitadas, com enormes pinheiros bem verdinhos, que vergavam sob o peso de bolas coloridas, presentes embrulhados com papéis de várias tonalidades. Cascatas de luzes brancas piscavam nas varandas. Um aroma de iguarias das ceias, tomavam conta das ruas. Bolos tortas, assados, castanhas, nozes, geleias, vinho, licores de frutas, damasco, se misturavam, enchendo o ar daquela noite.

O sino da Matriz, badalava alegremente, chamando os fiéis para a “Missa do Galo”. Naquela pequena Vila da Itália, as pessoas se encaminhavam, já se confraternizando. Alegres,

felizes, olhares brilhantes de fé, esperanças de dias melhores.

No meio de tanta gente, uma criança maltrapilha chorava de solidão, frio, fome, mas nem era percebida. Nos pezinhos pequenos, um sapatinho furado, congelava seus dedinhos.

Bateu em várias casas, nenhuma lhe atendeu...

Rostinho molhado pelo sereno e as lágrimas, olhou para o alto e pediu: Menino Jesus, hoje dia do seu aniversário, coloque no meu sapatinho, um brinquedinho, deitou no tapete de neve e adormeceu. Ao raiar do dia, encontraram um órfão, coberto de flores.

Poliana da Glória Souza

Volta Redonda

Poliana da Glória Souza nasceu em Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil, no dia 13 de setembro de 1989. Estudante de Letras, cursando o 3º período, na instituição acadêmica UGB. Escreve contos e romances, tem como principal influência: Fiódor Dostoiévski, Henry Miller e Edgar Allan Poe. Leitora assídua de Miller e fanática pela personalidade humana, tenta retratar o lado sombrio das pessoas em seus textos.

Título premiado: O rouco latido

Contato com a autora: poliana.milk@gmail.com

O rouco latido

- Oi meninas. Tudo bom? Hoje o nosso vídeo será sobre: maquiagens com produtos bbb...

- E não se esqueçam de deixar aquele joinha, se inscreverem no canal e compartilhar o vídeo em suas redes sociais. Beijos e até o próximo vídeo!

Uma blogueira de beleza está muito feliz, pois finalmente seu trabalho foi reconhecido e ela irá viajar para a tão sonhada Disney World. Aquela típica viagenszinha patrocinada.

O êxtase toma conta do seu corpo, em seus vídeos de: “como organizar a mala para a viagem” e “quais produtos levar” e etc. Mostram o quanto a jovem está deslumbrada. O tão sonhado dia chega, parecia uma gravidez interminável.

Ela pensa em voz alta:

- Arrumar as malas, não posso esquecer nada de importante.

- Ah! Cadê a minha base da Mac? Não quero parecer feia em meus vlogs.

- O lance é ostentar! Viajar é bom, de graça é melhor ainda.

Conversava com o seu fiel escudeiro, seu cachorrinho e companheiro de todas as horas. Ela arregalava os olhos a menor falta de esquecimento de algum shampoo ou batom. A caminho do carro colocou seu companheirinho no banco de trás, o bichano estava todo faceiro, pois adorava andar de carro com a cabeça pra fora da janela levando vento no focinho.

Sua dona ficava apavorada, pois já estava quase no momento de embarcar, colocou as malas no porta malas do carro e enfim puxou o cinto de segurança.

O trânsito estava bom, nada mal para o Rio de Janeiro. De repente um engarrafamento. Algum acidente deveria ter ocorrido.

A jovem sai do carro desesperada e grita:

- O que está acontecendo?

-Uma batida, senhora. Acho que vai demorar. Responde um caminhoneiro à moça.

-Puta que pariu! Era só o que me faltava!

Entrou no carro e bateu a porta. Olhou para o cachorro e percebeu a burrada que havia cometido,

esquecera de providenciar os trâmites para a viagem do animalzinho, nem sequer pensou em deixá-lo com alguém ou coisa do tipo.

Num súbito excesso de raiva a jovem fecha as janelas de seu carro, o vidro fumê impedia qualquer visualização das pessoas para o interior do mesmo. Ela agarra o pet pelo pescoço e aperta com as duas mãos, o cachorrinho vai perdendo o ar pouco a pouco, solta um rouco latido e seu pescoço despende-se para o lado de olhos abertos e língua pra fora. Sua dona sente nojo ao ver o cadáver e o joga para fora do carro.

O corpo do animal cai na estrada e é atropelado por um carro que vinha logo atrás, o motorista ainda tentou frear, porém não havia mais tempo.

Sinal verde e vamos nessa. Nossa blogueira parece animada de novo, sonhando acordada. Nada mais lhe importa.

- Cachorro? Compra-se outro e até melhor.

Já pensava no vídeo que faria sobre a morte trágica do bichano.

- Coitado! (com lágrimas nos olhos) Foi atropelado. Um acidente.

Ricardo Carneiro Vieira

Volta Redonda

33 anos, natural de Volta Redonda. Jornalista formado na primeira turma do UniFOA, com pós-graduação em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte, pela Facha. Iniciei minha trajetória profissional no jornalismo no Diário do Vale. Passei também por Band Rio Interior, Carta Z Notícias e Globo. Trabalho há cinco anos com Marketing Digital e hoje sou coordenador de conteúdo da agência Contentes.

Título premiado: Ciaiá

Contato com o autor: ricardo.c.vieira@hotmail.com

Ciaia

Cabeça longe. Parecia que não estava ali. Não queria mesmo estar, a vida tinha sido um tanto dura com Pedro nos últimos meses. Estava na reta final de 2006, não tirava 99 da cabeça; mais precisamente o dia 11 de março, o dia do apagão.

Foi vontade à primeira vista. Normal. Quem via a morena de volumoso cabelo cacheado na Porto Alegre apinhada de branquinhas não conseguia passar ileso. Só que a vontade foi crescendo, mesmo com Pedro e sua timidez graúda, que nunca se atreveram a chegar perto dela. Nem aquela história de ser veterano da caloura deu gás para aquele balão de confiança murcho.

A aula já tinha acabado, ele terminava um trabalho enquanto ela conversava com colegas no corredor. Pedro percebeu a presença por uma risada aguda, contagiante, que ele já tinha aprendido a identificar. Sozinho na sala, se desesperou quando, do nada, o computador apagou—junto com todas as luzes da

cidade e de boa parte do país -, provavelmente levando o esforço da última meia hora por quilowatt abaixo.

As meninas decidiram esperar na sala, justamente aquela. Entraram cautelosas pelo escuro, mas se esqueceram de averiguar se tinha mais alguém por lá. Sentaram e voltaram a papear. Pedro até pensou em anunciar que estava ali, só que qualquer frase elaborada era barrada na garganta pela vergonha. Ficou quieto, só escutando e pensando na cara de bobo que ficaria quando a luz voltasse e as meninas descobrissem sua presença sorrateira.

A luz não precisou voltar. No meio de mil assuntos, tocaram no ponto fraco dele. Uma das gurias contou que por pouco não tinha ido ao jogo do Grêmio. Ele sorriu com o que ouviu em seguida. “Ihh, sorte que não foi. O Zeca disse que o Robgol fez dois; tava 2 a 0 pro ABC”. Era a voz dela, Marcelinha. E melhor, o tom era provocativo. O amor platônico também torcia contra o Grêmio. Logo, devia ser colorada. Ainda conjecturou: para ela ter ido até o Zeca, o porteiro, saber o resultado, era interessada no assunto que ele adorava. Estava bem feliz com nada,

já que se ele nunca a procurasse, de nada adiantaria a torcida comungada. Até que a amiga gremista resolveu tripudiar da má fase do lado gaúcho vermelho, e pior: zombar da idade de Dunga, que estava de volta ao Inter para encerrar a carreira. “Devias ter mais respeito”, ecoou do fundo da sala. Susto, algumas risadas nervosas e o quem-taí que encurralou a timidez. Sem escapatória ele se identificou falando sem parar. “Aqui é o Pedro do terceiro ano, estava terminando um trabalho quando a luz acabou e vocês entraram e não perguntaram nada e fiquei sem graça, desculpe, mas você não deveria falar de nosso capitão, não se esqueça de 94, mas desculpe a intromissão, e o susto, espero só que a luz volte logo”. Alguns segundos de silêncio antecederam os risos. Elas não aguentaram e ele queria pular da janela. “OuvIU, não deveria falar assim do Dunga”. Era Marcelinha, ele identificou. “Agora com Autuori vamos dar a volta por cima”, ela emendou. Foi a deixa que ele pegou sem perceber. Se parasse para pensar que era a brecha para algo mais, Pedro gaguejaria, só concordaria com a moça e logo

perderia a atenção dela. Não, fez pelo futebol, discutiu como se fosse uma mesa de bar. Alegou desconfiança com o técnico e que a esperança era um jovem zagueiro chamado Lúcio e não o veterano Gonçalves. Ela insistiu no otimismo com o treinador e ambos concordaram com a idolatria ao goleiro André, “que ainda por cima é lindo”, ela dizia— Pedro, loiro e alto, assim como o jogador, achou que poderia ser um bom indício. Opinaram sobre possíveis próximas contratações e as chances do time no Brasileiro. Quando viram, foram abandonados pelas amigas dela e logo depois pelo breu. A luz voltou e com ela a timidez. Decidiu ir embora para não correr risco de estragar esse primeiro contato e até esqueceu-se de verificar se realmente perdera o trabalho. Caminhou com ela até o saguão do elevador. Com muito esforço arrancou da alma uma ousadia. Ofereceu carona. Começou assim. Ela aceitou, os dois se deram muito bem e logo marcaram um novo encontro para o dia seguinte. Ela apareceu linda com uma camisa vermelha, bem vermelha, com as siglas SCI

entrelaçadas no lado esquerdo do peito. Foram muito felizes.

Marcelinha foi a mulher da vida de Pedro. Uma vida que poucos meses antes daquele dezembro de 2006 sofreu uma trágica mudança. Um acidente de carro tirou o maior motivo dos sorrisos dele desde o dia do apagão. Dali pra frente, uma triste rotina matinal: Abrir os olhos, olhar para o lado direito da cama vazio, sofrer com um verdadeiro soco da realidade e chorar. A vida tinha sido um tanto dura com Pedro nos últimos meses.

17 de dezembro de 2006. Pedro acordou e olhou para o lado vazio da cama. Cabeça longe. Parecia que não estava ali. Aceitou a realidade com um choro e por um choro olhou para o lado esquerdo. Era Laurinha em seu berço, a força que o manteve erguido.

Levantou-se rapidamente. Os dois tinham um compromisso muito importante naquela manhã. Vestiu Laurinha com cuidado. Ela estava pronta: linda com uma camisa vermelha, bem vermelha,

com as siglas SCI entrelaçadas no lado esquerdo do peito.

“Fala, filha: inter. In-ter. Campeão do mundo! Fala, filha. Fala pra ele: ‘Ronaldinho, você não é de nada’. Fer-nan-dão. Fala, filha.” Laurinha nada, só balbuciava alguns ruídos que às vezes Pedro entendia da maneira que queria. A bola rolou e ele se deu a chance de ser feliz naquele tempo. Iria esquecer as tristezas para focar na final do Mundial de Clubes; para focar em Ronaldinho Gaúcho. Era preciso pará-lo e ele comemorou muito toda vez que isso aconteceu. “Ceará!”, berrou. “Ceará!”, berrou outra vez. Berrou muitas vezes. Para surpresa de muitos, o lateral cumpria a missão impossível e não deixava o então melhor do mundo, nascido e criado no lado azul de Porto Alegre, fazer nada. Os minutos corriam lentamente, mas tanto Inter quanto Laurinha se portavam muito bem. Nem ela chorava, nem o Inter sofria gols. Até que já no segundo tempo, em mais um ataque do Barcelona, aconteceu.

“Ceará”, ele gritou;

“Ciaiá”, ela gritou, com um sorriso gostoso no rosto.

Pedro desabou.

Chorou muito pensando em Marcelinha. A primeira palavra da filha justamente num momento tão importante para o time que foi tão importante na vida dos dois. Entendeu um ciclo e foi premiado com um gol de Gabiru alguns minutos mais tarde.

Apesar da tristeza, foi a pessoa mais feliz do mundo.

Yohanna de Castro Oliveira

Resende

Nascida em Resende, em 1992. Advogada.

Título premiado: Dança húngara n° 11

Contato com a autora: yohannaoliveira@id.uff.br

Dança húngara N° 11

Joana não admitia qualquer tipo de companhia. Sentia sua energia se esvaindo a cada conversa, a cada contato humano estabelecido. Talvez a ideia de parar para um café não tenha sido das melhores. Mal se sentou e o rapaz da mesa ao lado veio puxando um assunto qualquer.

- Essa cadeira está ocupada?

- Je ne parle pas portugais. Pardon! – disse ela.

O cabelo curto, o pequeno relógio de pulseira de couro e o batom vermelho ajudaram na encenação. O rapaz inconveniente se viu confuso, pediu desculpas com um aceno de cabeça e se retirou. Ela sorria por dentro, pensando em como sua travessura deu certo.

Mas o sorriso logo se dissolveu em meio às preocupações que a atormentavam desde o convite. A turma da faculdade marcou um reencontro. Naquela época, Joana ainda tinha cabelos longos, pouca experiência e tentava se adaptar às relações

interpessoais. Compareceu a todos os encontros, churrascos, festas e sociais de que teve notícia. Arrumou uma amiga que adorava falar, então não precisava se esforçar na conversa. Só aconteciam monólogos, praticamente. Arrumou também um namorado que não prestava muita atenção nela. Durou até o fim da festa de formatura. Foi o máximo que Joana conseguiu suportar.

Saiu da faculdade jurando para si mesma que jamais tentaria se adaptar novamente àquelas relações estranhas. Não conseguia confiar em ninguém. Os que se aproximavam diziam a ela que faziam questão de sua companhia, mas esqueciam de contar o horário certo daquela reunião na casa de fulano. Queriam-na nos grupos de todos os trabalhos, mas não cogitavam chamá-la para aquele cinema que tinham marcado sexta à noite. Depois que os cinco anos se passaram, Joana cortou os cabelos, mudou-se de cidade e não olhou para trás. O tormento ressurgiu quando foi convidada para o reencontro. De início, Joana não considerava comparecer. Tinha um bom emprego, morava num apartamento confortável, fazia aulas de francês às

terças-feiras e de piano às sextas. Conversava com apenas um amigo da época de faculdade, sempre por telefone, para evitar o contato muito próximo, muito humanizado. Nem cogitou sair da bolha de isolamento e conforto que construiu em torno de si mesma. O problema surgiu quando o amigo pediu que comparecesse. Ele também fora convidado para o evento e, muito mais sociável do que Joana, já tinha confirmado sua presença.

O pedido de Eurico mexeu com ela. Joana conversava muito pouco com seus parentes, apenas trivialidades. Já não tinha mãe e raramente visitava o pai, que morava em outra cidade. O irmão estava perdido pelo país, descobrindo cidades e mandando postais. Eurico era o relacionamento humano mais profundo de Joana, ainda que ela evitasse encontrá-lo pessoalmente. Quando ele soube do evento, ligou para ela e disse:

- Não quero saber de desculpas. O pessoal da turma marcou um reencontro e nós estaremos lá.

Joana, na hora, concordou sem pensar. Quando o dia do evento foi se aproximando, ela desistiu várias vezes, mas Eurico sempre insistia.

Na data marcada, pegou o carro e subiu a serra. Só conseguia pensar em como seria a interação com as pessoas. Leandro vai fazer um escândalo. Mirela vai contar que é boa em tudo, o tempo todo. Clara não vai parar de falar um minuto, contando sobre cada lugar em que esteve nos últimos quatro anos. Rômulo vai mostrar fotos de sua família perfeita para as mulheres e de sua bela amante para os homens. O estômago de Joana se contorcia a cada curva e a cada diálogo frustrante que imaginava, mas continuou mesmo assim.

Chegando ao local, viu os carros parados na entrada. Sentiu um frio na barriga. A vontade de voltar foi grande, mas Eurico apareceu nessa hora e a chamou para entrar.

A casa era bonita e tinha uma atmosfera agradável de clima de montanha. Tinha lareira, sofás confortáveis e uma mesa de madeira bem grande. O pessoal estava conversando na varanda. Surpreendeu-se quando viu que apenas um pequeno grupo estava ali. A dona da casa, que organizara o reencontro, apareceu para

cumprimentá-la, já lhe entregando uma taça de vinho.

- Imaginei que encontraria todo mundo hoje aqui.

- Chamei apenas os “poucos e bons”, Joana. Sei que não éramos muito próximas durante o curso, mas sempre te achei simpática. O que me repelia era o Murilo. Vai me desculpar, mas nunca fui muito com a cara dele. Soube que terminaram logo que acabou a faculdade e achei que seria uma boa ideia te chamar hoje.

Joana não soube o que responder. Sentiu-se acolhida e feliz com a sinceridade da colega.

- Vamos lá para fora?

Juntaram-se ao grupo da varanda. Eurico conversava com um amigo. Joana passou um tempo só ouvindo, mas não demorou muito para entrar em alguma conversa e, aos poucos, toda aquela angústia ficou para trás e pareceu distante.

Ao final da tarde, todos riam e conversavam embalados pelo vinho, pela música e pelo cheiro de café que, de repente, alguém resolveu passar. Quando a noite caiu, as xícaras de café ficaram

espalhadas pela mesa em meio às taças de vinho e todos foram se retirando espantados pelo frio.

Joana continuou na varanda pensando em como aquela tarde foi agradável. Como reconheceu pessoas ótimas que julgava conhecer. Por alguma razão, ela sabia que Eurico permaneceria ali com ela, desfrutando de sua rara companhia. Conversaram, então, sobre livros, sobre poesias, sobre viagens que queriam fazer.

Ela ria com vontade. O vinho sempre deixou seu riso livre. Começou a tocar, então, a música. “A” música. Dança húngara nº 11, Johannes Brahms. Eurico sabia que era a música favorita de Joana. Pausa dramática. Troca de olhares sorridentes.

- Essa é a música da minha vida.

- Eu sei – ele respondeu sorrindo.

De repente, ela se levantou e foi dançar sozinha enquanto a lua pairava lá no alto. Não havia mais angústia. Não havia mais medo. Um pouco antes do ápice da música, ela correu em direção ao rio e tirou rapidamente sua roupa, sentindo o ar gelado da noite. Eurico tentou repreendê-la, mas talvez fosse em vão.

Joana entrou no rio e sentiu a água gelada tocar cada parte do seu corpo. Sentiu-se viva. Ele a seguiu e permaneceu imóvel, na margem, enquanto ela dançava na água, feliz. Completa. Ela gargalhava e gritava:

- JE SUIS LIBRE!

Seu amigo-espectador sorria diante da nova alma livre e feliz.

- Vai acordar todo mundo!

Ela gargalhava ainda mais, as mãos se agitavam no ar como se regessem uma orquestra.

Ao fim da música, Joana estava completa, radiante, profunda em si mesma. Ele sorria e pensava em como ela, pela primeira vez, brilhava.

- Essa mulher é o sol.

Poesias
Premiadas

Bráulio Rodrigues Queiroz

Barra Mansa

Nascido em Barra Mansa, amante da literatura, leciona essa disciplina em escolas públicas estaduais da região.

Título premiado: Depressão

Contato com o autor: br.queiroz40@gmail.com

Depressão

Correntes amargas
que prendem a alma
agridem o espírito
no profundo do ser.

Correntes vazias
sem propósitos e frias
mas que cumprem a função
de julgar e prender.

Correntes sombrias, que
junto aos grilhões
atam e machucam sem
se fazer perceber.

correntes sinistras que
atormentam a vida daqueles
que de um jeito ou de outro
já não querem viver.

correntes invisíveis que
já não existem, pois
o espírito é forte
e o que eu quero é viver.

Deivisson Catete Gomes

Barra Mansa

Tenho 27 anos, gosto de escrever desde criança, mas comecei a escrever poesias aos catorze anos de idade. Hoje tenho três cadernos de poesias feito a mão e mais três livros no computador. Gosto muito de escrever contos e histórias. Sou Assistente Social e trabalho teatro com crianças autistas. Gosto muito do universo da criação e de poder dar vida a estas personagens.

Título premiado: Chão Brasil

Contato com o autor: deautordeivisson@gmail.com

Chão Brasil

Avante ao novo chão, areias, virgens e matas
Terras avermelhadas, pés, canto e milhões
Aruak, Karib, Tupis e Tapuias
Línguas que se calam nas escórias do portuga
Avante ao novo mundo, de um chão desconhecido
Vai Cabral e o futuro por terras e paralelepípedo
Soalho, simples, que concreto então se cerra
O chão de virgens matas é a base de uma nova era
Aparecida, Jesuítas, Padim Ciço, chão divino
Joelhos, milhos, castigos, equívocos de inequívocos
Correntes, escravos, chibata, café, jagunço, armas
Capitão, plantação, tocaia, sertão, lampião, Araguaia
Peão, pobre, fábrica, rio, janeiro, Vargas
Forças, lutas, armadas, estado, novo, se mata
Silêncio, tristeza, carta
Pá, cimento, água, planalto, mídia, estátuas
Retrocessos, tiranos, poderes, justiça, tapada
Golpe, liberdade, calada, não pisa, não corre, só
| marcha
A rua franca perde a sua loucura
Torna-se cinza, fria, do lar, recatada

A música se exila dos paisanos da praça
Pés se escondem, lutam, correm
Da roda viva ditando ordem e disciplina
Morrem
Diretas, já, Collor, não, avante novo chão
Reconquistar o seu florão
Terras Brasileiras, encantos e corações
Preconceitos, elitismo, discriminação
Favoritismo, congresso, arena, leões
Terno, novo, passado, de novo
Rico, classe, panela, povo
Dinheiro, cueca, descaso, esgoto
Avante novo chão reconquistar o seu florão
Juntar os seus filhos no canto da nação
As estrelas mil espalhadas pelo chão
Na labuta, na luta, na fé, no ganha pão
No ônibus, nas ruas, sinais, na certidão
Nas rachaduras, terras secas, terras águas, na oração
Na diversidade, liberdade, brasilidade, miscigenação
Avante novo chão, cuidar do seu cadim iá iá,
Preservar tua a história, mas também, teu canto
| gingar
Trazer as ruas a inesperada glória
De ser o Brasil que queremos andar.

Heitor de Paiva Lima Cuzzo Martins

Barra Mansa

Nascido em Barra Mansa em 1992.

Título premiado: Afasta-te, Dionísio

Contato com o autor: heitormartinsBM@hotmail.com

Afasta-te, Dionísio

Acesas atenções recobrando os sentidos
não bastarão para apagar
tua figura fosforescente no avesso destas
| pálpebras.

Granulosos peixes abissais
cercam, sorridentes, um feixe azul de memória
no pano preto que encobre a visão.

Emolduram uma solidão macia
quatro fileiras de cílios dourados
cuja delicadeza os dedos ainda querem
provar e saber. Mas nossa distância,
intacta como o sono dos mortos,
tem a pureza dos desertos.

Afasta-te, Dionísio, deste lugar
para que o tempo seja gentil.
Aqui dormiremos sem culpa

no acalanto de negar o mundo.
Cultivar o vazio a ponto de exuberância
é a única dignidade que pode haver.
Tudo ressoa e cala. Ressona,
sonha e soa um silêncio santo.
Enfim, descanso.

Júlio Costa Netto

Resende

Nascido em 11/12/1962. Médico homeopata e militar reformado do Exército. Primeiros versos em 1977. Publicou Terra sem Deus, romance urbano, em 1991; e Pescador de Sonhos, poemas, em 2001. Sob o pseudônimo Mário Cuervo, publicou crônicas para o extinto jornal venezuelano El Tepuy em 1991, o texto do musical infantil Álbum de Meninas (em parceria com a compositora Paz Helena) em 1992, e o romance histórico A Confissão em 2001. Diversos prêmios e participação em antologias.

Título premiado: Soneto para bia

Contato com o autor: netto.julio@uol.com.br

Soneto para Bia

Onde foi que eu te vi sorrir assim outrora
com estes olhos a brilhar iguais a estrelas?
Horas que passam, eu quisera em vão retê-las
da mão feroz do tempo, que tudo devora...

Onde eu te vi sorrir assim? Não foi agora,
foi talvez numa hora antiga como aquelas
nas quais o véu das ilusões (sempre tão belas)
inda era mais que o lenço de um olhar que chora.

Em teu sorriso, todo pérolas da infância,
algo faz palpitar meu coração velhinho,
algo que o tempo esconde na distância,

e em teu olhar, a luz de alguma estrela antiga
que em vão busquei no céu de todo o meu caminho
e não posso mais alcançar, por mais que a siga...

Luiza Peixoto Griman

Volta Redonda

Forjada em Volta Redonda e ainda em busca de alguma definição que me satisfaça provisoriamente.
36 anos. Múltiplas tentativas

Título premiado: Margot

Contato com a autora: luizagriman@gmail.com

]

Margot

o céu azul não colore a alma em desalinho. o nada
| floresce embaixo de uma mão seca.
sem alma. ainda não sei o que acho que aconteceu. o
| o nada acontece. insistente.
persistente. como saber que as amarras não prendem
| mais um corpo que ainda sangra?
os reflexos perduram no sol quente. a alma queimada
| não responde. nem sei se tenho
sede. tenho náuseas. e nenhum analgésico vence a
| dor de um aborto psicológico.
nenhum. essa dor de cabeça enlouquecedora que só
| ameaça. quem me dera vomitasse
verdades... a impotência diante do mundo que nem
| sei se existiu é minha realidade. o
que seria a náusea para além da minha impotência?
| espero a vertigem que não vem e
minha lucidez não me dá tréguas. tenho sede.

Lourildo Costa

Volta Redonda

Lourildo Costa é natural de Volta Redonda, onde nasceu ao 1º de agosto de 1957. Bacharel em Português-Literatura e Direito pela UBM. Aposentado como supervisor de 1ª linha da CSN. É professor do Ensino Médio da rede pública estadual. Atualmente exerce o cargo de Diretor Adjunto de uma das Unidades Escolares. Autor dos livros já publicados: “As Drogas e o Aniquilamento da Sociedade”; “O Padrão Bíblico para a Família”; “Os Frutos de Minh’alma – Coletânea de Poesias”. No prelo está o livro: “Pelos Quatro Cantos: Contos”, que será lançado pela Editora Litteris, na FLIP de julho próximo, em Paraty. Casado com Eliane Magalhães Leite Costa, com quem possui um casal de filhos – LÍlian e Erik.

Título premiado: Lagoa humana

Contato com o autor: lourildocosta@gmail.com

Lagoa humana

Vivo a vida de lagoa,
Água de estância parada em meu ser;
Urge o movimento da corredeira de um rio,
Pois água parada traz a agonia de se putrefazer.

Vivo a vida de lagoa,
Água de estância aprisionada em meu coração;
Urge o movimento da corredeira que não chegou a ter
O acúmulo de forças para a hidrelétrica mover.

Vivo a vida de lagoa,
Água de estância estagnada em seu leito;
Urge o movimento da corredeira para que a alma
Não se esvazie da alegria ruidosa guardada no peito.

Água parada é como o moinho desativado
Que o fluxo da esperança deixa de mover;
É como o gemido de uma alma ansiosa,
Anelante pela efervescência de um novo amanhecer.

Marcello Henrique Marques Passos

Volta Redonda

Marcello Henrique Marques Passos, 26 anos, Físico, Poeta e morador de Volta Redonda desde 2006. Licenciado em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e atualmente, aluno de Doutorado em Física na Universidade Federal Fluminense (UFF). Amante da literatura desde novo, escrevendo histórias em quadrinhos quando criança e na fase adolescentes rabiscando alguns poemas. Fã e leitor de Machado de Assis, Fernando Pessoa, Manoel Bandeira, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha. Escrevo como forma de transmitir sentimentos, incertezas, acalento e procurando sempre levar ao leitor alguma mensagem.

Título premiado: O Político e o Diabo

Contato com o autor: marcellopassos123@gmail.com

Sagrada cidade

Jerusalém...

Ou seria melhor escrever

Jeru - Salém?

É... Assim mesmo, separado.

Jeru fica com árabes

E Salém com o israelenses.

Ora não se estranhe leitor

Trago a realidade,

O impasse de anos.

A cidade murada,

Dividida, sagrada

E singularmente desejada.

Já fora dos britânicos,

Outrora da ONU.

Depois acabou dividida,

E tornou-se metade da Jordânia,

Metade de Israel.

Daí surge em solo sagrado

A ambição, o poder e a cobiça.

Juntando-se tudo isso
Vem de encontro aos povos,
Como trazido por uma
Tempestade de areia,
Tal como as que acontecem por lá, a guerra.
A guerra seca, árida, dura... Avermelhada.
E tal vermelhidão numa guerra
Só pode ser o retrato do sangue.
E assim ela muda de cor,
Muda de estado,
E muitas vezes,
Muda de dono.
E daí prevalece o falso marasmo,
a erronia calmaria.
Até que, uma vez mais,
Faça-se outra tempestade
E com ela retorne
A vermelhidão no solo sagrado.

Nicia Cadinelli dos Santos

Valença

Brasileira de descendência italiana, portuguesa negra índia, nascida na cidade de Valença-RJ em 16-01-44, Mãe de 4 filhos e avó de 6 netos. Formou-se em Técnico de Contabilidade, pela Esc. Cândido Mendes. Escritora premiada, tem na literatura seu ponto forte com a arte. Nicia é assim, alegre, autêntica, brava, batalhadora, caridosa, carinhosa, sonhadora, religiosa.

Título premiado: Noite de natal

Contato com a autora: nicia.cadi@gmail.com

O tempo

O tempo só é ruim
Pra quem não sabe esperar
O socorro que está a caminho
Fazendo sua dor passar

O tempo corre depressa
Tem pressa de logo chegar
Enxuga o pranto, consola
Abraça e diz tudo vai passar

Passa a tristeza, magoas
As decepções também
Leva a saudade pra longe
Daquele que foi seu bem

O tempo corre veloz
Carrega o pranto consigo
Congela as gotas de lágrimas
Como todo grande amigo

Não deixa o tempo escoar
Sem algo de bom a fazer
O minutos juntam-se aos dias
E ninguém pode deter.

Renata de Melo Orlandi

Volta Redonda

Paulistana, se mudou em 2003 para Maceió-AL onde atuou como produtora cultural e iniciou no Movimento Hip-Hop. Criadora e apresentadora do “Estrutura Brasil”, programa de rádio que tocava majoritariamente música brasileira, abrindo espaço para novos artistas, além de entrevistas com famosos como Jorge Vercillo e Exaltasamba. Moradora há mais de 9 anos de Volta Redonda, foi campeã, 2016, do Festival de Poesia de Conservatória. Divulga os trabalhos no projeto Os Vermelhos da Morena Rosa.

Título premiado: Caminho

Contato com a autora: renataorlandi@hotmail.com

Caminho

De todas as palavras doces
De todas as mãos dadas
De todo amor vivido
Foi que tirei tantas palavras

Você me deu a vida e a morte de viver sem o que se
| deseja

Eu e meus medos e sinceridades
Tiramos de nós o “se”
Como poderiam ter sido aqueles dias
Teriam eles se transformado em anos, casa, contas e
| filhos?

Seríamos nós aonde?
Estariamos nós quem?

De todas as lágrimas
De todas as dores
De todo sofrimento enfrentado

Foi que cheguei aqui

Você me deu história para contar e chorar
Eu e minhas escolhas
Tiramos de mim o fim
O objetivo, o alvo, o “o quê”

Estarei eu quem?
Serei eu aonde?

Que nas pedras eu encontre as inscrições
Que em mim eu encontre a força
Que na vida eu encontre o porquê
Que no dia eu encontre o brilho
Nas horas eu encontre o dia
Que em mim encontre eu o eu que nunca soube
Encontre eu o que eu sei
Encontre em mim eu e você
Encontre em você o que há em mim
Ache dúvida nas certezas
E certezas no vazio
Ache o fim
E o caminho

Que eu caminhando se perdeu em mim

Ricardo Carneiro Vieira

Volta Redonda

33 anos, natural de Volta Redonda. Jornalista formado na primeira turma do UniFOA, com pós-graduação em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte, pela Facha. Iniciei minha trajetória profissional no jornalismo no Diário do Vale. Passei também por Band Rio Interior, Carta Z Notícias e Globo. Trabalho há cinco anos com Marketing Digital e hoje sou coordenador de conteúdo da agência Contentes.

Título premiado: Esses corpos

Contato com o autor: ricardo.c.vieira@hotmail.com

Esses corpos

Esses corpos

Esses corpos já estiveram perto

Já se sentiram atraídos

Se tocaram

De perto

Dois

Tempo

O tempo afasta

O tempo traz distância

A distância embaça as vontades

E esses corpos não estão mais próximos

A vida

A vida é feita de nuances

De vai e vem

E esses corpos se cruzam

Mas não podem

Esses corpos não podem se cruzar

Querem

Ou será que não querem?

A formalidade

A formalidade faz com que se aproximem

Porém somente para breve cumprimento

Formalidade que faz tirar a prova na hora

Pele encosta na pele e boca na bochecha

Aquele calor ao corpo é mais que familiar

Ali, na cabeça a razão e na pele a vontade

A formalidade que aproxima e faz afastar

O destino

O destino é incerto

E traz a dúvida

Pode ser injusto

Justo

Pode ser da forma que for

Pode acabar com ponto final.

Pode acabar do na

Categoria

Estudiante

Poemas
Premiados

Vinicius Gonçalo Sarraff de Rezende

Resende

Nasci em Manaus, em abril de 2001. Mudei à Resende bem pequeno, com um ano de idade, e moro aqui desde então. Interessado por teatro e desenho desde pequeno, meus pais sempre incentivaram meu gosto pela arte e pela cultura. Já sonhei ser ator e historiador. Hoje, no último ano do ensino médio, sonho em ser psicólogo, escritor, professor e designer.

Título premiado: Rotação

Contato com o autor: viniciusgsr426@gmail.com

Rotação

Longe do lar
No oriente
Nasce uma quente
Luz solar

Dilucular
Mata a serpente
E, de presente,
Colore o ar

Torna o veneno
Grosso e ardente
Em suco ameno,
Resplandecente

Perto do lar
No ocidente
Nasce uma fria
Pala transparente

Afoga no mar
A mente
Que com a corrente sombria
Não consente

Pega no altar
Uma outra via
Longe do lar
No oriente

Annia Brum Tavares

Volta Redonda

Meu nome é Annia Brum Tavares, tenho 17 anos e atualmente curso o terceiro ano do ensino médio no UGB-Ferp. Com cerca de 10 anos de idade, escrevi meu primeiro poema que foi publicado num suplemento do jornal Diário do Vale, o Diarinho, no dia 11 de dezembro de 2011. Escrevo poemas desde então e já trabalho faz um tempo em um livro que sempre sonhei em um dia publicar, além de também trabalhar arduamente em uma história em quadrinhos. Digamos que sou amiga bem íntima das palavras.

Título premiado: Máscaras

Contato com a autora:

anniabrumtavares15@gmail.com

Máscaras

Você é realmente você?

Nas ruas barulhentas, nos sorrisos que ostenta

Você pode se ver?

As máscaras não são falsidade, tem razão

O uso de máscaras é uma obrigação

Porque os outros não aceitam a verdade

Ou você mesmo quem não aceita, nega e semeia

Um outro você que surge dentre outros mil

Que são sempre iguais, mesmo diferentes

Pois buscam coisas referentes à tão procurada

| aceitação

O que é isso então? Pode-se julgar? Não

Pois a boca de quem fala

É a mesma que se nega em mais de uma ocasião

Você aceita seus gostos... Ou os outros que não

| os aceitam?

E isso, eu aposto que a todos fraquejam

Na hora de ser aquilo que seu interior é de fato

Não gostam de mim como sou, então me mato

Mato meu eu, e vivo vazio
Programado para ser o que esperam de mim
Uma marionete obediente
Que julga toda a gente
E que leva consigo apenas uma máscara
sorridente
Regras para tudo. Para falar, para escrever
E agora para ser você.
É difícil não? Ver um indivíduo sendo ele mesmo
Sendo que você não pode
Isso mesmo, aponte para ele! Dê-lhe um sacode
Seja aquilo que foram com você
É apenas mais um monstro colocado no mundo
Que assim como dominó é deixado levar
Dos outros? Isso mesmo, ria!
Seja feliz com sua própria hipocrisia
Não acha que já passou da hora de deixar isso
| de lado
Deixar esse ódio ser ignorado
Para cada voz silenciosa que implora?
É fácil montar frases e repetir o que ouvimos
| falar

E no fundo, nem sequer acreditar
Então vá, esteja preparado
Atuando nesse errante teatro
Que nos sufoca, nos afasta
Numa contida voz irada
Sendo apenas mais um
Na multidão mascarada.

Uma publicação da
Academia Volta-redondense de Letras
www.avl.org.br
e-mail: contao@avl.org.br